

**O diário de  
leituras na  
escola e na  
universidade**

Estudos do gênero e  
práxis pedagógica

**Série Escola e Universidade**

---

Ana Luzia Bustamonte Smolka

Daniela Anjos

Ecaterina Bulea-Bronckart

Ermelinda Barricelli

Fúlvio Torres Flores

Geam Karlo-Gomes

João Wanderley Geraldi

Geam Karlo-Gomes  
Ermelinda Barricelli  
(organizadores)

**O diário de  
leituras na  
escola e na  
universidade**

Estudos do gênero e  
práxis pedagógica

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O Diário de leituras na escola e na universidade : estudos do gênero e práxis pedagógica / Geam Karlo-Gomes, Ermelinda Barricelli, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018. – (Série Escola e Universidade)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-541-7

1. Escrita 2. Gêneros literários 3. Leitores – Formação 4. Leitura 5. Letramento 6. Machado, Anna Rachel 7. Prática de ensino 8. Professores – Formação I. Karlo-Gomes, Geam. II. Barricelli, Ermelinda. III. Série.

18-22147

CDD-410.7

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Diário de leituras : Estudos do gênero e práxis pedagógica :  
Linguagem e educação 410.7

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Mercado de Letras

*revisão final dos autores*

*bibliotecária:* Maria Paula C. Riyuzo – CRB-8/7639

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

2 0 1 8

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

Prefácio	
O DIÁRIO DE LEITURAS: UM GÊNERO REFLEXIVO ENTRE LEITURA CRÍTICA E ESCRITA DINÂMICA REGULADORA. ....	9
<i>Joaquim Dolz</i>	
APRESENTAÇÃO.....	17
<i>Primeira Parte</i>	
DIÁLOGO COM ANNA RACHEL MACHADO: UMA ENTREVISTA FICTÍCIA A PARTIR DE TEXTOS NÃO PUBLICADOS DA AUTORA .....	23
<i>Ermelinda Maria Barricelli</i>	
O DIÁRIO DE LEITURAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO CENÁRIO ACADÊMICO.....	33
<i>Geam Karlo-Gomes</i>	
O DIÁRIO DE LEITURAS EM AULAS DE LÍNGUA FRANCESA: O PAPEL DO LABORATÓRIO DE LETRAMENTO ACADÊMICO NO DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS.....	53
<i>Eliane Gouvêa Lousada, Jaci Brasil Tonelli e Ana Paula Silva Dias</i>	

DIÁRIO DE LEITURAS DO GÊNERO TIRAS EM  
QUADRINHOS: SUBJETIVIDADE E INTERLOCUÇÃO ..... 77  
*Renata Ferreira Rios*

O DIÁRIO DE LEITURAS: POR UMA  
FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR ..... 95  
*Luzia Bueno,*  
*Maria Jussara Zamarian e*  
*Katia Diolina*

DIÁRIOS PROVOCANDO DIÁLOGOS DE LEITURAS:  
PRINCÍPIOS, USOS E PESQUISAS ..... 117  
*Lília Santos Abreu-Tardelli,*  
*Fernando Silvério de Lima e*  
*Janette Friedrich*

O DIÁRIO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: UMA RELEITURA  
DE OUTROS SABERES ..... 141  
*Kátia Maria Rodrigues Gomes*

A CONSTITUIÇÃO DE DIÁRIOS DE LEITURAS COM  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ..... 155  
*Maria Aparecida Ventura Brandão*

DIÁRIOS DE LEITURA COMO ESTRATÉGIA  
PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA DE PROFESSORES  
DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL..... 173  
*Dílian Cordeiro*

O DIÁRIO DE LEITURAS E A FORMAÇÃO INICIAL  
DE PROFESSORES: NOTAS DE UMA EXPERIÊNCIA ..... 193  
*Fabiana Ramos*

O GÊNERO DIÁRIO DE LEITURAS EM ANÁLISE:  
ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS ..... 213  
*Francisco de Assis Silva Panta*

O DIÁRIO DE LEITURAS NAS HISTÓRIAS  
DA LÍNGUA PORTUGUESA ..... 231  
*Peterson Martins Alves Araújo*

O GÊNERO DISCURSIVO DIÁRIO DE LEITURAS SOB A PERSPECTIVA MULTIMODAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA .....	243
<i>Joilma Barbosa</i>	
O USO DE APLICATIVO DIGITAL NA PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE LEITURAS: UMA PRÁTICA EDUCATIVA NA ÁREA DE LINGUAGENS .....	263
<i>Auricélia Pires e Geam Karlo-Gomes</i>	
<i>Segunda Parte</i> DIÁRIOS DE LEITURAS .....	285
SOBRE OS AUTORES .....	295





PREFÁCIO  
**O DIÁRIO DE LEITURAS: UM GÊNERO  
REFLEXIVO ENTRE LEITURA CRÍTICA E  
ESCRITA DINÂMICA REGULADORA**

*Joaquim Dolz*  
Universidade de Genebra

*a língua é sempre falha  
fagulha no fogo da palha  
do pálido ser*

Marcos Bagno *The unspeakable language*

Quando conheci Anna Rachel Machado, na década de 90, em Genebra, passamos muitos momentos juntos dialogando sobre as nossas pesquisas. Ela estava, naquele momento, em plena fase de elaboração da tese sobre o Diário de leituras, orientada por Jean-Paul Bronckart e Maria Cecília Camargo Magalhães. Lembro-me com nostalgia dos intercâmbios apaixonados entre nós sobre a análise do *corpus* inspirados no modelo genebrino (Bronckart 1999) e das sequências textuais de Jean-Michel Adam (1990). Também me lembro das longas discussões memoráveis que nós tínhamos, em plena Copa do Mundo de 1994, sobre a potencialidade do novo gênero para o letramento no Brasil.

No mês de julho de 1994, Anna Rachel e eu viajamos juntos para Barcelona, no período em que aconteceu a final do mundial entre Itália e Brasil. As lembranças da paixão de Anna Rachel pelo futebol me ajudam hoje a reconstruir os comentários dela tanto sobre o Romário, ex-jogador da seleção brasileira, como sobre os aportes possíveis do *Diário de leituras* para o letramento no Brasil. Reconheço que naqueles momentos, eu manifestava certo ceticismo e discutia a aplicação do dispositivo didático do *Diário* no contexto escolar e acadêmico brasileiro, sem compreender exatamente a importância que podia tomar o projeto. Não podia imaginar o sucesso que, algumas décadas mais tarde, representaria *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*, publicado pela editora Martin Fortes em 1998 e que hoje é uma referência importante para analisar as interações entre um leitor ativo e um texto singular.

O livro que tenho a honra de introduzir, coordenado por Geam Karlo-Gomes e Ermelinda Barricelli, mostra as repercussões na prática pedagógica e na pesquisa acadêmica do *Diário de leituras*. Anna Rachel Machado tinha razão em querer registrar as impressões pessoais do leitor e insistir sobre a importância do dispositivo didático. Era dever de justiça com ela reconhecer que o tempo lhe deu razão. Vou tratar neste prefácio de situar o *Diário* como um gênero reflexivo que combina a leitura estruturadora e crítica de textos com uma escrita dinâmica e reguladora de sentidos, de conhecimentos, de ações e de sentimentos.

As relações entre leitura e escrita são complexas. Uma visão ampla dos processos de letramento exige levar em consideração, articulações diretas e indiretas entre si. A relação entre escrita e reflexividade é uma problemática clássica do pensamento vigotskiano. Para Vigotsky, a escrita funciona como uma ferramenta psicológica no desenvolvimento das funções psíquicas superiores: linguagem e pensamento (Vigotsky 1929[2011]).

Ler é compreender. As práticas sociais da leitura são diversas em função dos contextos, dos horizontes de espera frente ao texto singular e ao gênero textual (Voloshinov 1929[2017]) a ler (não é a mesma coisa ler um artigo acadêmico de um linguista, uma novela

de intriga, um relatório de um estágio profissional, um editorial do jornal ou uma história em quadrinhos) e da tarefa concreta que o leitor se dá na situação de leitura. Cada prática contém seu tipo de manifesto, representações, valores, operações psicológicas e cognitivas na construção do sentido do texto objeto da leitura. É importante insistir numa visão dinâmica da construção do sentido para compreender o interesse da participação ativa e temporal do leitor. Ler exige reler quando se encontra um obstáculo. A leitura implica também em uma representação da situação de produção do texto e da reativação pela memória de outras leituras. Nesse sentido, a representação do gênero joga sempre um papel de reserva de regularidades textuais, semânticas e retóricas para o leitor. Numa perspectiva interativa, a leitura é, conseqüentemente, um processo de construção de significações nos diferentes momentos de recepção.

Contrariamente as visões estritamente cognitivistas, que examinam as projeções das estruturas semânticas do texto na memória do leitor, para nós, o papel do contexto, as características do texto, interatuam com o papel ativo do leitor para produzir uma significação específica no momento e na situação da leitura e em função do controle dos valores da interação social. As estratégias de leitura são múltiplas: ativação de conhecimentos anteriores, questionamento sobre o texto, realização de inferências, seleção de informações, generalização e integração das mesmas etc. E a escrita pode ser uma das estratégias para tomar consciência das dimensões do texto e dos obstáculos de compreensão persistentes para avançar hipóteses interpretativas.

A escrita convoca sempre a leitura quando escrevemos, nos documentamos, tomamos como referência as leituras precedentes e nos releemos permanentemente no processo de escrever. Mas a questão do *Diário de leituras* é de saber como a escrita pode influenciar concretamente a leitura e permitir um desenvolvimento do letramento. O desenvolvimento das capacidades de produção textual e a democratização da escrita transformam também a visão da leitura. O letramento geral implica, nesse sentido, muito mais que uma alfabetização limitada da leitura. Como podem organizar-

se as interações da leitura e da escrita no marco da escola e da formação para o desenvolvimento da leitura e da escrita de maneira complementar?

Numa contribuição no mesmo período da tese de Anna Rachel Machado (Dolz 1994), mostrei como a escrita de textos argumentativos contribuía para melhorar a compreensão de textos do mesmo gênero. Com a finalidade de ajudar os alunos a compreender melhor cartas argumentativas complexas, a sequência de ensino “compreender e logo produzir” foi invertida passando por uma fase de escrita de cartas argumentativas para observar os efeitos sobre a compreensão. As relações entre leitura e escrita de um mesmo gênero foram dissociadas como um meio ativo para descobrir os mecanismos que causam problemas de compreensão. A passagem pela escrita permitiu aos alunos adquirir ferramentas novas de regulação da leitura para regular quatro problemas de compreensão bem precisos: avaliação das situações de interação em que se produz uma controvérsia argumentativa, identificar a posição do argumentador, compreender as relações entre os argumentos utilizados e, finalmente, na compreensão das concessões, das estratégias persuasivas e a intencionalidade do argumentador. Tenho demonstrado que a escrita de um texto de um mesmo gênero aporta uma *metaleitura* reflexiva que permite comparar o texto escrito, a representação do gênero, mas também, ajuda a compreender melhor um texto singular do mesmo gênero. A questão de Anna Rachel Machado, que diz respeito ao gênero particular *Diário de leituras*, é diferente porque evoca a hipótese de um gênero escolar (ou da formação acadêmica) que permite melhorar a leitura.

O *Diário de leituras* se apresenta justamente como um instrumento ou ferramenta para que o sujeito fale da sua experiência íntima com o leitor, para deixar traçar livremente sobre o que sente e pensa do que está lendo (questões, comentários, definições, etc.), regulando assim a ação de leitura. É, sem dúvidas, uma escrita reflexiva e prático reflexivo (Schon 1987) que reúne as sete características seguintes:

1. Trata-se de um gênero de *escrita heurística* (toma de consciência das capacidades, e das estratégias implicadas) e de escrita epistêmica centrada em tarefas formativas (construção de saberes acadêmicos, profissionais e sobre os textos);
2. Representa o papel de análise crítica hermenêutica do sistema de referências e das significações do texto lido;
3. Apresenta-se como um instrumento externo de controle e de estruturação da construção da significação do texto;
4. Toma em consideração a trajetória intelectual e afetiva entre o leitor e o itinerário seguido para construir as significações;
5. Permite uma identificação e uma focalização sobre os fragmentos emblemáticos, indicadores e os obstáculos de compreensão para o leitor;
6. Desenvolvem-se organizações externas do professor ou do grupo e, sobretudo, auto-organização do próprio leitor (reajustes progressivos da interpretação do texto) (Buisse e Vanhulle 2009);
7. Tenta a transformação e a subjetivação do leitor (a emancipação, diria Anna Rachel Machado) a partir da mediação e a internalização dos conceitos e dos conteúdos dos textos lidos, criticando a falta de distância crítica.

Em resumo, o *Diário* aparece como uma proposta didática potente, instrumento de mediação entre a leitura e a escrita, que permite uma apropriação de textos singulares diversos numa perspectiva interacionista.

A novidade dos textos reunidos por Geam Karlo-Gomes e Ermelinda Barricelli, e da simpática entrevista fictícia fiel ao pensamento de Anna Rachel Machado, realizada por quem foi a sua doutoranda e amiga, está na extensão da aplicação da ferramenta a uma diversidade de gêneros textuais e públicos. Efetivamente, o *Diário de leituras* era inicialmente um gênero destinado ao

letramento acadêmico. Mostrou, entretanto, uma importância maior no desenvolvimento da compreensão dos grandes autores das ciências da linguagem, na elaboração de conceitos linguísticos, na leitura crítica e na subjetivação tão importantes para o letramento acadêmico e profissional das novas gerações. Hoje mostra as possibilidades com outros gêneros textuais em outras esferas de trabalho e outros públicos no âmbito escolar.

A apropriação crítica do saber aparece como um processo coletivo que implica a leitura e a escrita ao serviço da construção da significação. O *Diário* se apresenta hoje como uma ferramenta para o letramento acadêmico, para o desenvolvimento profissional (Vanhulle 2016), para melhorar a leitura crítica a todos os níveis do ensino (adultos e alunos da escola obrigatória e pós-obrigatória). O *Diário de leituras* é um instrumento escolar, no entanto, os autores de este livro mostram também que pode ser um instrumento de pesquisa que ajuda a compreender o desenvolvimento do letramento.

Vida longa ao *Diário de leituras*!

Genebra (Suíça), 24 de Junho, dia de São João de 2018.

### Referências bibliográficas

- ADAM, J.-M. (1990). *Eléments de linguistique textuelle*, Bruxelles-Liège: Mardaga.
- Bronckart, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC.
- BUYSSE, A. e Vanhulle, S. (2009). "Écriture réflexive et développement professionnel: quels indicateurs?" *Questions vives*, 5 (11), pp. 225-242.
- DOLZ, J. (1994). "Produire des textes pour mieux comprendre. L'enseignement du discours argumentatif", in: REUTER, Yves (ed.) *Les interactions lecture-écriture*. Berne: Lang, pp. 219-242.

- MACHADO, A. R. (1998). *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHÖN, D. (1983). *The Reflective Practitioner. How Professionals Think in Action*. Nova York: Basic Books.
- VANHULLE, Sabine (2016). “Dire et écrire l’expérience pour réguler son agir professionnel: réflexions à propos d’un genre académique.” *Pratiques* 171-172, pp. 1-19.
- VOLÓCHINOV, V. (1929[2017]). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34.
- VYGOTSKY, L. S. (1934[2001]). *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.





## APRESENTAÇÃO

A obra que ora se apresenta ao leitor traz pesquisas oriundas do trabalho com a leitura e a produção textual a partir do diário de leituras, inspiradas pelo livro de Anna Rachel Machado: *O Diário de Leituras: A introdução de um novo instrumento na escola* (1998). E o nosso título nasce da relação com o próprio *status* que o gênero textual diário de leituras tem assumido nos últimos anos na Educação Básica e na Educação Superior, graças a sua sistematização como instrumento de aprendizagem por ARM. Isto é, há exatos 20 anos, ARM partiu e nos deixa um legado de relevante contribuição para as didáticas de ensino, não só no que se refere às atividades de leitura, mas também, como “modelo de produção de discursos”, como era seu intuito inicial. Assim, a presente obra é fruto de dois propósitos que se complementam. Primeiro, trata-se da divulgação de pesquisas que confirmam que o projeto de ARM prosperou e tem assumido papel proeminente nas duas últimas décadas; e segundo, é um modo mui especial de homenageá-la pela generosa contribuição para o ensino brasileiro.

A grande contribuição de ARM foi mesmo de apresentar aos professores que, um gênero muito usual nas práticas sociais de letramento, poderia se transformar numa ferramenta metodológica essencial para a mediação da leitura. Por conseguinte, o diário de leituras se torna uma prática discursiva que incorpora um leque de possibilidades educativas, tanto na escola, quando na universidade. Sua utilização tem sido recorrente na formação do leitor na

Educação Básica, em distintos níveis e modalidades de ensino; assim como, tem sido objeto de ensino e estudo de pesquisadores de várias universidades do país. Isso graças à descoberta de suas potencialidades quanto ao letramento acadêmico, à formação de professores, à didática e à aprendizagem de línguas (materna e estrangeira), entre outros objetivos.

É nessa práxis que se estabelece a relação indissociável “escola-universidade”, e que essa obra acaba de reafirmar. Esse vínculo legal de nossa legislação ganha “fôlego” e dimensão significativa a partir do trabalho com a formação de professores no Ensino Superior. É nesse sentido que o refletir sobre o fazer pedagógico nos cursos de licenciatura permitiu também requisitar Ações Extensionistas tendo o diário de leituras como metodologia e instrumentalização. E assim nasce o projeto de extensão “O diário de leituras como alternativa didática na escola e na universidade”, desenvolvido na Universidade de Pernambuco - *Campus Petrolina*, sob a coordenação do professor Geam Karlo-Gomes e protagonizado por vários pesquisadores da referida instituição.

Esse projeto possibilitou redimensionar nossas concepções sobre o papel da universidade e a formação de professores, sobre a relação dialógica entre professor e estudante. Ora, a instrumentalização do diário reflexivo de leituras de ARM nos aproxima da postura dialógica e reflexiva frente aos desafios sobre a relação teoria e prática na formação docente e sobre o contexto sociocultural de aprendizagens.

Além disso, a aproximação com o diário de leituras e as pesquisas de ARM resultou na feliz parceria com Ermelinda M. Barricelli, ex-orientanda e colaboradora de ARM; e também, na adesão de outros pesquisadores que contribuem significativamente para ampliar as possibilidades de instrumentalização desse gênero na práxis pedagógica, tanto na escola quanto na universidade.

O sumário já desenha o que o leitor, educador, estudante ou interessados encontrarão no diálogo com o tema.

Inicialmente, por meio de uma criativa entrevista fictícia com a pesquisadora póstuma, utilizando anotações não publicadas da própria autora, Ermelinda M. Barricelli apresenta as concepções,

dificuldades e vantagens do diário de leituras no capítulo 1. No capítulo 2, Geam Karlo-Gomes divulga sua pesquisa sobre o diário de leituras como um instrumento eficiente na prática educativa, desenvolvida na Universidade de Pernambuco-Campus Petrolina, a partir da análise de 315 (trezentos e quinze) diários de estudantes dos cursos de Pedagogia e Matemática. No capítulo 3, Eliane Gouvêa Lousada, Jaci Brasil Tonelli e Ana Paula Silva Dias nos presenteiam com a apresentação de uma valiosíssima experiência da utilização do diário de leitura em uma disciplina de língua francesa do curso de graduação em Letras (Francês-Português) ministrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo.

A discussão acerca da utilização do diário de leitura como instrumento didático no estudo de gêneros de textos multimodais no ensino médio é o tema inovador do capítulo 4, de Renata Ferreira Rios; seguido pelo capítulo 5, *O diário de leituras: por uma formação crítica do leitor*, em que Luzia Bueno, Maria Jussara Zamarian e Katia Diolina buscam problematizar o papel da escola na formação do leitor inicial a partir da ilustração de uma reportagem impressa da Revista Veja São Paulo e de uma consistente fundamentação teórica; e o capítulo 6, *Diários provocando diálogos de leituras: princípios, usos e pesquisas*, onde Lília Santos Abreu-Tardelli, Fernando Silvério de Lima e Janette Friedrich discutem questões teóricas e metodológicas contundentes para continuidade da instrumentalização do diário de leituras na escola e em pesquisas futuras sobre esse gênero.

O leitor interessado na utilização desse gênero instrumental na Educação Básica e na formação docente precisa conhecer os quatro textos complementares: o capítulo 7, de Kátia Maria Rodrigues Gomes, que pesquisou a produção escrita de estudantes da Educação de Jovens e Adultos por meio do diário de leituras; o capítulo 8, de Maria Aparecida Ventura Brandão, que apresenta resultados da experiência leitora de professores de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio; o capítulo 9, de Dilian da Rocha Cordeiro, que se utilizando do diário de leituras como recurso formativo para futuros professores, traz preciosas reflexões acerca do papel da literatura na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino

Fundamental; e o capítulo 10, de Fabiana Ramos, que discute a relevância do trabalho com o diário de leituras para a construção da identidade profissional do aluno-professor em formação inicial.

No capítulo 11, Francisco de Assis Silva Panta, considerando as especificidades gramaticais, perfaz um estudo analítico sobre os aspectos morfosintáticos do gênero diário de leituras. Já em *O diário de leituras nas histórias da Língua Portuguesa*, capítulo 12, Peterson Martins Alves Araújo, ao utilizar a escrita diarista na disciplina “História da Língua Portuguesa” do curso de Letras da Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina, suscita a perspectiva da utilização do diário de leituras para registro da ocorrência de arcaísmos em pesquisas da sociolinguística.

O diário de leituras como meio de compreender a subjetividade e a intertextualidade foi a estratégia adotada nas aulas da disciplina História da Língua Inglesa, do curso de Letras da Universidade de Pernambuco – *Campus Petrolina*, por Joilma Barbosa, e se localiza no capítulo 13. Já no capítulo 14, Auricélia Pires e Geam Karlo-Gomes, apresentam o aplicativo Minha Leitura para produção diarista como uma ferramenta digital promissora da formação crítica dos estudantes do Ensino Médio.

Esta obra tem então o intuito de continuar incentivando professores e estudantes a utilizar o diário de leituras como instrumento de mediação da leitura nas mais distintas práticas sociais. E mais: incitar novos leitores à prática diarista como modo de adentrar em muitos “mundos” e “percursos” da leitura, de forma crítica e reflexiva.

Esperamos que os trabalhos possam contribuir para as reflexões e as discussões dos temas que aqui se apresentam, não de modo conclusivo, mas de forma que muitos outros questionamentos se coloquem para que novas questões surjam e, com isso, o processo nunca termine, para que estejamos sempre vivos e motivados, como ARM nos ensinou.

*Os organizadores*